

O ENSINO DE HISTÓRIA ATRAVÉS DA CONSTRUÇÃO DE CONCEITOS: REFLEXÃO A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DOS ESTÁGIOS DE DOCÊNCIA

Alanna de Jesus Teixeira¹

Este trabalho trata de reflexões construídas ao longo das disciplinas de Estágio no curso de Licenciatura em História na UFRGS, em suas duas modalidades: 1) docência em escola da rede pública, 2) atuação em instituição de memória (neste caso, museu). A abordagem privilegiada durante as experiências foi o ensino da História através da construção de conceitos. Percebo o uso de conceitos como uma das mais valiosas contribuições dos estudos no campo do Ensino de História, pois, uma vez bem construídos pelos alunos, se tornam ferramentas para pensar a sua realidade, para além da escola, possibilitando “a identificação dos objetos e fenômenos da realidade social, bem como a capacidade de dar-lhes sentido e reconhecê-los a partir de sua confrontação com o já conhecido” (SCHMIDT, 1999, p. 150). A opção por ensinar através dos conceitos históricos também reflete uma posição teórica e metodológica, assim como uma leitura sobre o que são conceitos e qual a sua importância no ensino. A partir do planejamento já existente nas instituições e das observações realizadas nas mesmas, foram selecionados os conceitos considerados mais importantes para trabalhar dentro das temáticas que deveriam ser abordadas. Mais do que a elaboração de uma definição fixa de conceitos, a preocupação estava voltada para que os alunos os identificassem e relacionassem para além da sala de aula/museu. A partir das atividades realizadas foi possível perceber que a construção dos conceitos foi praticada em alguma medida pelos alunos, no momento em que demonstraram, através de suas falas e produções escritas, que conseguiam identificar as principais características desses e confrontá-los com as realidades históricas trabalhadas e/ou suas próprias realidades. Diante do exposto, parece imprescindível a construção de conceitos históricos em aulas de História, especialmente pela característica da sociedade em que vivemos - com foco na simples transmissão de informações através dos mais diversos canais. A informação não garante a construção de conhecimento. É preciso ter meios e ferramentas para pensá-la em confronto com a realidade, e os conceitos históricos podem ser instrumentos valiosos para pensar as sociedades passadas e a contemporaneidade. Esse ensino é uma das mais importantes contribuições do conhecimento histórico e, se bem idealizado e construído nas instituições, pode contribuir de forma significativa para a formação social dos alunos.

Palavras-chave: Ensino de História, conceitos, estágio de docência.

¹ Licenciada em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2014).

XII SEMINÁRIO DE ESTUDOS HISTÓRICOS

Profissão, Professor: Desafios no Ensino de História

www.feevale.br/seminarioestudoshistoricos

Este trabalho trata de reflexões construídas ao longo das disciplinas de Estágio no curso de Licenciatura em História na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em suas duas modalidades: 1) docência em escola da rede pública, 2) atuação em instituição de memória (educação patrimonial). A abordagem privilegiada durante as experiências foi o ensino de História através da construção de conceitos. Percebo o uso de conceitos como uma das mais valiosas contribuições dos estudos no campo do Ensino de História, pois, uma vez bem construídos pelos alunos, se tornam ferramentas e são utilizados em seu dia a dia para pensar a sua realidade, para além da escola:

as categorias ou conceitos possibilitam, entre outros, a identificação dos objetos e fenômenos da realidade social, bem como a capacidade de dar-lhes sentido e reconhecê-los a partir de sua confrontação com o já conhecido (SCHMIDT, 1999, p. 150).

O currículo do curso de Licenciatura em História da UFRGS prevê a realização de três estágios de docência: o primeiro em turmas do ensino fundamental, o segundo em turmas do ensino médio e o terceiro em uma instituição de memória (neste trabalho serão abordadas as experiências dos dois últimos estágios). Cada um possui duas etapas: a) momento de observação das aulas em diversas disciplinas na escola e na (s) turma (s) que serão trabalhadas (ou das atividades realizadas na instituição de memória). Esta etapa tem como objetivo a ambientação e adaptação do estagiário, bem como a reflexão sobre o espaço de ensino; b) docência/intervenção do professor-estagiário em turmas/grupos selecionados pela instituição. O estagiário deve elaborar, sob a supervisão do responsável na instituição e o professor-orientador na Universidade, um plano prevendo o que será trabalhado com os grupos.

A partir do planejamento já existente nas instituições e das observações realizadas nas mesmas, foram selecionados os conceitos considerados mais importantes para trabalhar dentro das temáticas que deveriam ser abordadas. Mais do que a elaboração de uma definição fixa de conceitos, a preocupação estava voltada para que os alunos os identificassem e relacionassem para além da sala de aula/museu. A opção por ensinar através de conceitos históricos também reflete uma posição teórico-metodológica, assim como uma leitura sobre o que são

XII SEMINÁRIO DE ESTUDOS HISTÓRICOS

Profissão, Professor: Desafios no Ensino de História

www.feevale.br/seminarioestudoshistoricos

conceitos e qual a sua importância no ensino. Quando pensamos em conceitos, primeiramente nos vêm à mente as “palavras”. Palavras que representam coisas ou ideias ou, no caso da história, realidades:

Todo conceito se prende a uma palavra, mas nem toda palavra é um conceito social e político. Conceitos sociais e políticos contêm uma exigência concreta de generalização, ao mesmo tempo em que são sempre polissêmicos. A par disso, são entendidos pelas ciências históricas sempre como palavras, pura e simplesmente (KOSELLECK, 2006, p. 108).

Conceitos históricos podem ser entendidos como abstrações que, expressos por palavras, representam realidades históricas, reunindo em si “a diversidade da experiência histórica” (KOSELLECK, 2006, p. 109) e suas significações. A linguagem da História é partilhada tanto pela comunidade científica quanto a comunidade em geral. Ou seja, é preciso lidar com uma expressão linguística comum, em que palavras empregadas em conceitos podem já possuir significados próprios no senso comum. Por isso, conceitos históricos são polissêmicos por excelência, sempre terão necessidade de novas definições e redefinições que dependerão do tempo, do espaço, e da posição teórica e social de cada historiador.

Os conceitos raramente estão isolados, geralmente se inserem em uma prévia rede conceitual, sendo necessária a compreensão de um conjunto de termos inter-relacionados por oposição, associação ou substituição, formando um campo semântico que nos permite entendê-los (PROST, 2008). Em sala de aula com os alunos, para a construção de conceitos de grau mais abstrato, cabe ao professor reconstruir os significados das palavras ou outros conceitos relacionados ao trabalhado no momento. Além disso, a contextualização e a história de cada conceito também são elementos importantes para serem abordados em sala, se não profundamente, ao menos demonstrando que têm sua história e mudam ao longo do tempo, ou seja, não são automáticos:

Ademais, o procedimento histórico comporta a preocupação com a construção, a historicidade dos conceitos e a contextualização temporal. Entende-se que da mesma forma que o passado está incorporado em grande parte aos nossos conceitos, ele também lhes dá um conteúdo concreto. Assim, todo conceito é criado, datado, tem a sua história. Portanto, a construção dos conceitos, como o Renascimento, humanismo, totalitarismo, faz parte dos procedimentos do ensino da História. Trata-se de um trabalho de elaboração de grades conceituais que poderão, de alguma

forma, permitir que o aluno analise, interprete e compare os fatos históricos, construindo a sua própria síntese (SCHMIDT, 2004, p. 61).

Deste modo, não basta construir uma definição, mesmo que de caráter provisório, em aula. O uso de conceitos históricos no ensino de História requer um planejamento e estratégias de atividades que envolvem discussões e partilha de conhecimentos. De nada adianta o professor introduzir uma definição pronta, levando os alunos a decorá-la, sem construir com eles significações e sentidos, o que é a base de um ensino qualificado. Uma definição pronta servirá apenas para ser lembrada (ou não), no momento de uma prova, para em seguida ser esquecida - ao contrário do conhecimento que o aluno mesmo cria, rememorando depois o caminho que o levou a elaborá-lo.

1. A EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO DE DOCÊNCIA NA ESCOLA

A primeira experiência que será abordada ocorreu no estágio realizado junto a uma turma do 1º ano do Ensino Médio no Colégio Estadual Inácio Montanha em Porto Alegre. Partindo do planejamento apresentado pela professora de História da escola e do próprio decorrer das aulas, foi possível selecionar os conceitos que considere mais importantes para trabalhar dentro da temática das primeiras civilizações da Antiguidade. Dois conceitos destacaram-se: o de civilização, e o de grupos sociais, imprescindíveis para compreender um pouco sobre as formações de sociedades mais complexas que seriam estudadas. A construção e utilização de conceitos históricos nas aulas devem ter seu espaço garantido sempre, pois, uma aula de História sem conceitos, torna-se apenas reconstrução e narrativa de fatos. Portanto, a aquisição, construção e utilização de conceitos históricos pelo professor no cotidiano da sala de aula, faz parte de uma opção por um ensino renovado de História, privilegiando a utilização de diferentes documentos e linguagens (SCHMIDT, 1999), e buscando o desenvolvimento de determinadas habilidades cognitivas consideradas “universais” a serem desenvolvidas pelos alunos, como caracterizar, comparar e analisar (SCHMIDT, 2004).

Alguns autores importantes da área de ensino de História propõem formas de trabalhar alguns conceitos que consideram básicos nessa disciplina, como o de civilização. Segundo Maria Auxiliadora Schmidt:

XII SEMINÁRIO DE ESTUDOS HISTÓRICOS

Profissão, Professor: Desafios no Ensino de História

www.feevale.br/seminarioestudoshistoricos

Este conceito pode ser apreendido com base em vários critérios acessíveis aos alunos, explorando o modo de viver, de morar, de locomover, de vestir, de alimentar, de cuidar de si. Analisar as mentalidades, crenças e tradições (como festa e feira); estudar o patrimônio (como língua falada, língua escrita, monumentos, obras de arte, objetos e utensílios e paisagem) (SCHMIDT, 2009, p. 87).

Para estudar o conceito de civilização é preciso também considerar a rede conceitual relacionada a ele, especialmente conceitos das Ciências Sociais. Grande parte dos conceitos utilizados pela História é importado de outras áreas como Economia, Direito, Ciência Política, Filosofia, Antropologia e Sociologia. Os conceitos apropriados de outras ciências podem sofrer reajustes ou flexibilização dentro da História, uma vez que historiadores os confrontaram com suas questões, sob novos métodos e perspectivas (PROST, 2008). No ensino de História o conhecimento social que os alunos já possuem, apreendidos a partir da sua experiência de vida, é importante para a compreensão tanto dos fatos trabalhados nas aulas quanto na construção de conceitos - mesmo que este conhecimento social não tenha um rigor científico. Ao trabalhar o conceito de civilização, os conceitos de sociedade e cultura, por exemplo, são indispensáveis para a construção do conceito histórico de civilização, e ambos os conceitos são trabalhados principalmente pelas Ciências Sociais. Nesse sentido,

os conceitos históricos deverão ter como base a compreensão prévia dos conceitos sociais correspondentes ou relacionados. Estes últimos podem oferecer ao aluno [...] uma base sobre a qual poderão compreender, posteriormente, situações sociais afastadas no tempo (CARRETERO, 1997, p. 18).

Portanto, essa base de conhecimento é extremamente válida para a construção de conceitos históricos, como os aqui propostos.

Grupos sociais - o segundo conceito trabalhado - tem como particularidade “subsumir um conjunto de indivíduos concretos e de figurar no discurso do historiador como singulares plurais, atores coletivos” (PROST, 2008, p. 127), e que, portanto, tem uma importância vital para o conhecimento histórico, uma vez que os agentes ou atores coletivos da história têm espaço em grande parte da historiografia, em maior grau quando tratamos de um período tão recuado no tempo em que indivíduos estão associados a outros em categorias sociais. O conceito de

grupo social também é teorizado pelas Ciências Sociais e igualmente requer noções dessa área como, por exemplo, as noções de relações sociais e posições sociais.

Outra observação a ser feita a respeito da opção aqui proposta pelo conceito mais amplo de “grupos sociais”, em detrimento de “classes sociais” – o que não é consenso entre professores e livros didáticos – é que este conceito pode ser pensado para o contexto das revoluções industriais e do mundo capitalista, contudo deixa lacunas se empregado para as sociedades consideradas “pré-capitalistas” como as estudadas neste momento com a turma. Assim sendo, utilizar o conceito de grupos sociais, de caráter mais genérico do que classes sociais (neste está implícita a idéia de luta de classes), para o período estudado, pareceu a opção mais adequada.

1.1 Trabalhando os conceitos em sala de aula

Mais do que a elaboração de uma definição fixa dos conceitos, a preocupação estava voltada para que os alunos identificassem os conceitos históricos propostos a partir das temáticas que estavam sendo trabalhadas. Por exemplo, entender porque consideramos os povos da Mesopotâmia na Antiguidade como uma civilização ou, porque chamamos de grupo social um conjunto de pessoas que ocupam uma mesma posição social e status dentro de uma sociedade. A partir dessa proposição, as atividades foram variadas, desde leitura e discussão de textos, perguntas escritas, pesquisa na internet e livros ou trabalhos em grupo. No entanto, alguns cuidados precisam ser tomados ao trabalhar com conceitos em sala de aula, como

a adaptação de conceitos à realidade do aluno, a preocupação em situar os conceitos em contexto histórico bem definido e o respeito ao processo de construção de representação individual do aluno (SCHMIDT, 2004, p. 69).

Todas essas dimensões foram pensadas ao planejar as aulas e no momento de seu desenvolvimento. A partir daí, elaborei a primeira atividade.

Em um primeiro momento, em que respondiam a um questionário a fim de diagnosticar suas experiências sociais dentro e fora da escola, aproveitei a oportunidade para indagá-los sobre o que entendiam por “civilização”. As respostas foram as mais variadas e amplas possíveis, como os seguintes exemplos:

XII SEMINÁRIO DE ESTUDOS HISTÓRICOS

Profissão, Professor: Desafios no Ensino de História

www.feevale.br/seminarioestudoshistoricos

“Civilização é um lugar onde moram pessoas e lá seguem culturas”.

“São povos que convivem entre outros, onde acontecem conflitos, onde as pessoas vivem”.

“Civilização é um grupo de pessoas, ou seja, uma comunidade”.

“Civilização é uma sociedade organizada”.

“É uma sociedade que é formada por pessoas de todas as idades, povos, etnias diferentes”.

As concepções variaram entre noções de espaço e entre os conceitos de sociedade e cultura. Ou seja, os alunos demonstraram ter uma ideia genérica do que seja uma civilização - algo que deva envolver povos, organização, cultura, diversidade – mas sem conseguir defini-la ou dizer por que determinada sociedade pode ou não ser considerada uma civilização. De qualquer forma, é importante conhecer as noções que os alunos já têm elaboradas sobre o tema a ser trabalhado, uma vez que ele

já tem um vocabulário histórico de uso cotidiano, adequado para descrever situações da realidade em que ele vive. Isto significa que os alunos trazem, ao cotidiano da sala de aula, ideias próprias sobre o mundo social (SCHMIDT, 1999, p. 148).

O papel do professor será justamente o de reconhecer as noções prévias dos alunos – porque eles sempre as terão – e dar vazão a este conhecimento, expandindo-o, refinando-o, ajudando os alunos a se darem conta de que eles mesmos produzem conceitos, porém que estes não estão dados e precisam sempre de uma reflexão, a qual o professor unirá a sua. Por vezes será difícil lidar com esse conhecimento prévio do aluno, especialmente se nele estiver implícito noções preconceituosas (por exemplo, *civilização* em contraposição à *barbárie*) ou distorcidas. Neste caso o professor os ajudará a desconstruir e reconstruir os conceitos novamente, sob nova ótica.

O conceito de civilização foi trabalhado em aula expositiva em que, com a ajuda dos alunos, foram destacadas as características que uma sociedade precisasse ter para ser considerada uma civilização. A ideia era retomar essas características quando fosse iniciado o estudo sobre as primeiras civilizações. Por fim, questionando mais os alunos, juntos chegamos a algumas significações a

XII SEMINÁRIO DE ESTUDOS HISTÓRICOS

Profissão, Professor: Desafios no Ensino de História

www.feevale.br/seminarioestudoshistoricos

respeito do conceito de civilização enquanto uma ideia de padrão de vida, que se desenvolve nas cidades, implicando sociedades e culturas complexas (PINSKY, 2011). Era preciso também desconstruir a dicotomia *civilização x barbárie*, retirando o juízo de valor atribuído a ambos, para pensar como alguns povos deram um “salto” para o que se entende por civilização, e outras não, em termos de desenvolvimento e complexidade. As sociedades complexas, como se sabe, possuíam e possuem problemas também complexos e diferentes das sociedades caçadoras e coletoras, nômades ou semi-nômades. Desenvolvimento não é sinônimo de evolução, e foi essa ideia que tentei trabalhar com os alunos através de exemplos.

Seguindo o estudo sobre as primeiras civilizações, pareceu ser necessário trabalhar também o conceito de grupos sociais, na medida em que os alunos identificavam durante os estudos que as pessoas não pareciam ser consideradas iguais dentro das sociedades que estudavam. Algumas atividades foram centrais para compreender mais sobre tais diferenças, como a leitura e discussão de trechos do Código de Hamurábi, em que ficava claro que direitos, deveres e punições eram diferentes de grupo para grupo. Outra atividade desenvolvida requeria que os alunos completassem uma tabela a respeito de algumas características sobre as civilizações trabalhadas até o momento. Um dos itens a ser completado era sobre os grupos sociais presentes naquela civilização. Muitos alunos ficaram em dúvida e confundiam grupos sociais com os diferentes povos que por vezes habitavam uma mesma região, como por exemplo, sumérios, acádios ou assírios, na Mesopotâmia. Foi necessário abrir um espaço na aula para pensar o que seriam os grupos sociais. A estratégia utilizada foi a mesma, retomar com os alunos as características do conceito, tentando pensar com eles que cada grupo social possuiria uma determinada condição social, uma posição ou “status” dentro da sociedade em que habitava, desenvolvendo características e valores em comum. Outro trabalho ainda foi realizado, tentando unir os dois conceitos trabalhados. A proposta consistia em que os alunos escolhessem um povo dentre os estudados, e montassem um personagem que fosse representativo de um grupo social. Era preciso descrevê-lo a partir de itens pré-estabelecidos, e montá-lo graficamente. A ideia era que os alunos pudessem compreender que houve diferentes padrões de vida, ou seja, várias formas de culturas na formação das diferentes civilizações, que a desigualdade

entre as pessoas era mais palpável do que a que vivenciamos hoje. Ou seja, que a partir daí o homem pôde começar a pensar em seus direitos, e iniciar uma marcha em busca destes. O trabalho foi realizado em grupo e entregue em formato de *post* no blog da turma, e contou com uma breve apresentação.

A partir das experiências de aprendizagem realizadas, foi possível perceber que os alunos, de formas diferenciadas, construíram os conceitos propostos, especialmente caracterizando-os e analisando-os em perspectiva com os temas trabalhados. Atividades concretas como as que foram propostas, fizeram parte de uma estratégia para que os alunos participassem da construção dos conceitos a partir da montagem dos personagens, de certa forma dando vida a esses conceitos, utilizando-os como ferramentas de auxílio à compreensão de realidades concretas.

2. A EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO DE DOCÊNCIA NA INSTITUIÇÃO DE MEMÓRIA

A segunda experiência ocorreu no estágio de educação patrimonial realizado no Museu da UFRGS durante a exposição “12.000 anos de história: Arqueologia e Pré-História do Rio Grande do Sul”. A atuação no Museu previa um período de observação das ações desenvolvidas (especialmente a mediação dentro da exposição) e a elaboração de uma intervenção. A partir do que foi observado, a intervenção foi pensada tendo como foco inicial a sensibilização do público para a historicidade dos bens materiais e sua preservação. Para isso, uma das estratégias utilizadas foi a construção de três conceitos essenciais para pensar o tema: patrimônio cultural, material e imaterial. O ponto de partida foi a observação e questionamentos do prédio onde está situado o Museu da UFRGS e a própria escola dos alunos, buscando ir além do conceito fechado de patrimônio e os levando a ver a historicidade daquilo que faz parte do seu dia a dia, como a escola e aquilo que eles mesmos consideram como patrimônio. Foi possível um diálogo relacionando a escola pois as intervenções ocorreram com turmas do ensino fundamental e médio de diferentes colégios que visitaram a exposição do Museu.

XII SEMINÁRIO DE ESTUDOS HISTÓRICOS

Profissão, Professor: Desafios no Ensino de História

www.feevale.br/seminarioestudoshistoricos



Figura 1. Imagem de fotos do edifício do Museu da UFRGS.

A intervenção foi organizada em duas partes: a primeira no momento de recepção dos alunos na entrada do Museu, observando com eles o seu próprio edifício, questionando sua estrutura, construção, seu entorno, sua história. Foi utilizado como recurso os painéis fixados nas janelas do Museu, onde há algumas indicações de sua história e seus vários usos ao longo do tempo. Em seguida, os alunos foram introduzidos dentro do Museu e seguiram com os mediadores da casa. Após a visita na exposição, são levados ao mezanino no segundo andar, onde ocorre a segunda parte da ação. Neste momento, foram distribuídas diversas imagens do prédio em que se observava seus vários usos e com isso um pouco de sua história². Solicitamos aos alunos que escolhessem as imagens (figura 1) e dissessem o que viam nelas, o que representavam, quais os diferentes usos do edifício, com o objetivo de demonstrar que este possui uma história, nem sempre foi sede de um museu. Em seguida, foram retomados os exemplos dos objetos que os alunos haviam visto na exposição (artefatos como lanças, flechas, peles de animais, cerâmica, machados, zoólitos), bem como o exemplo do próprio edifício para poder serem trabalhados os conceitos de bens ou patrimônios materiais e imateriais, e a partir desses conceitos, a construção da noção de patrimônio cultural. Procuramos

² Construído entre 1910 e 1913, o edifício abrigou o Laboratório de Resistências de Materiais (Escola de Engenharia) e sediou o Instituto Tecnológico do Estado do Rio Grande do Sul entre 1943-66. Em 1972 tornou-se laboratório do curso Tecnólogo em Curtumes e Tanantes do curso da Escola de Engenharia. Devido às más condições de conservação, o prédio foi interditado na década de noventa, mas já em 1999 é considerado como prédio histórico, passando por um processo de reforma e restauro. A partir de 2002 se tornou sede do Museu da UFRGS, que foi criado em 1984.

XII SEMINÁRIO DE ESTUDOS HISTÓRICOS

Profissão, Professor: Desafios no Ensino de História

www.feevale.br/seminarioestudoshistoricos

trabalhar com as noções construídas pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) para compreender esses conceitos, especialmente o de patrimônio cultural, entendido como

Todas as manifestações e expressões que a sociedade e os homens criam e que, ao longo dos anos, vão se acumulando com as das gerações anteriores. Cada geração recebe, usufrui delas e as modifica de acordo com sua própria história e necessidades. Cada geração dá a sua contribuição, preservando ou esquecendo essa herança.

Patrimônio Cultural não são somente aqueles bens que se herdam dos nossos antepassados. São também os que se produzem no presente como expressão de cada geração, nosso “Patrimônio Vivo”: artesanatos, utilização de plantas como alimentos e remédios, formas de trabalhar, plantar, cultivar e colher, pescar, construir moradias, meios de transporte, culinária, folguedos, expressões artísticas e religiosas, jogos, etc.

É com todo esse Patrimônio, material, imaterial, consagrado e não consagrado que podemos trabalhar num processo constante de conhecimento e descoberta (GRUNBERG, 2007, p. 4).

Com o propósito de aproximar esses conceitos abstratos à realidade de cada aluno, tomamos o caso da escola, pois é a instituição que mais se aproxima do dia a dia dos jovens. Distribuímos pequenos cartões e solicitamos que cada um lesse e escrevesse em seu cartão apenas uma palavra. Os jovens mostraram entusiasmo e criatividade ao falarem de suas próprias realidades e expor suas respostas à pergunta que continha no cartão “O que você considera como patrimônio na sua escola?": as plantas, a música, a arquitetura, o aprendizado, o estudo, o recreio, o prédio escolar, a amizade, a pracinha, a natureza, etc. A partir das respostas, pudemos apontar com os alunos como algumas delas poderiam ser classificadas, como patrimônio material ou imaterial. Aproveitamos para indagar como era a escola em que estudavam, sua localização, arquitetura, conservação, quantas pessoas passavam por ela todos os dias, se ela é importante para eles, para suas histórias, e vice-versa. Finalizamos a intervenção discutindo sobre essa diversidade e importância da preservação daquilo que consideramos como nosso patrimônio.

Para que a discussão não ficasse esquecida na visita ao Museu, elaboramos uma atividade para que fosse trabalhada em sala de aula pelos professores. Nela são rediscutidos os conceitos e proposta uma nova atividade de observação e discussão em grupos sobre a escola.

2.1. Pensar a historicidade e os conceitos

Embora o tempo para toda a discussão fosse limitado, acredito que foi possível sensibilizar os jovens para a questão do patrimônio cultural. Retomar os conceitos foi imprescindível para que o diálogo fosse mais consistente. Dessa forma o museu cumpre com seu papel social que “é definido, na atualidade, por sua função *educativa*” (ABUD, 2010, p. 127), através do conhecimento histórico que é trabalhado. Se o foco dos museus é o trabalho com a cultura material, a questão da historicidade de um objeto, ou nesse caso, de um edifício, pode ser uma das chaves para se trabalhar com o público, no intuito de chamar a atenção para a história que há por trás da materialidade em nossa cidade, discutindo os conceitos que nos ajudam nessa compreensão. Neste caso, o edifício do museu, os artefatos da exposição e a própria escola auxiliaram neste propósito.

Sabemos que os bens materiais, em especial os monumentos representativos de uma história elitista, foram o foco das ações de patrimonialização na política empreendida no século XX, e por isso eram considerados os únicos portadores de uma cultura e história a serem estudadas. No caso da intervenção proposta no Museu da UFRGS, a proposta não era historicizar o prédio buscando uma história institucional e informativa. O objetivo central era, partindo da história do edifício, como exemplo, sensibilizar os alunos para a história que pode estar por trás de cada construção, de cada prédio, buscando o porquê de sua construção, localização, arquitetura, utilização. Ou seja, perceber que este objeto faz parte da história de uma comunidade e da cidade, desnaturalizando a sua existência, pois “o museu – prédio, objetos, imagens – é fruto de uma série de forças e interesses que operaram na sua construção, instituição e manutenção” (ABUD, 2010, p. 138). Para isso foi preciso elaborar questões que pudessem desencadear processos de sensibilização para a historicidade dos objetos com os quais lidamos no dia-a-dia (RAMOS, 2004). Após a observação do edifício, na primeira parte da intervenção, foram utilizadas imagens que remetiam a diferentes usos do mesmo. Distribuindo as imagens aos alunos, foram lançadas perguntas sobre o que observavam nelas, quais os diferentes usos do prédio, sua conservação, a época em que foi feita. Com isso, pudemos fazer uma discussão sobre a historicidade do edifício, além de um contato com o que antes estava invisível, criando um elo entre o presente e um

XII SEMINÁRIO DE ESTUDOS HISTÓRICOS

Profissão, Professor: Desafios no Ensino de História

www.feevale.br/seminarioestudoshistoricos

acontecimento, uma experiência marcante (ABUD, 2010). A utilização de fotos foi fundamental para materializar o que se poderia contar apenas por palavras. O registro das mudanças que ocorrem dá a dimensão temporal aos objetos. Os alunos puderam observar inclusive as transformações na arquitetura e na estrutura interna que foi modificada para abrigar um museu, mas sem perder alguns traços de uma arquitetura de certo porte.

Outra noção que pode contribuir para pensar a questão do edifício é a ideia abordada por Francisco Régis Lopes Ramos a respeito do “objeto gerador”. Partindo da ideia de Paulo Freire de “palavras geradoras”, Ramos apresenta os exercícios com os objetos geradores como uma forma de estudar a historicidade. O objetivo é

motivar reflexões sobre as tramas entre sujeito e objeto: perceber a vida dos objetos, entender e sentir que os objetos expressam traços culturais, que os objetos são criadores e criaturas do ser humano (RAMOS, 2004, p. 32).

Ramos aborda também a ligação entre o interior e exterior do museu, em um exercício que envolveria observar suas várias dimensões: “se o museu guarda objetos, o próprio prédio do museu pode ser um objeto localizado no espaço urbano” convidando os visitantes e passantes a olhar “com mais vagas o próprio edifício, enquanto importante exemplar (histórico e estético) do mobiliário urbano” (RAMOS, 2004, p. 41). A partir da materialidade da cidade, na qual está incluído o edifício do museu, é possível abordar a historicidade das coisas, além de alcançar a questão do patrimônio cultural “fazendo com que a problemática do patrimônio não seja vivida como algo externo aos sujeitos que vivem o processo educativo, mas como parte de sua vida em curso” (PEREIRA; ORIÁ, 2012, p. 170). Para isso, é fundamental partir da realidade cotidiana do público, levando em consideração qual escola visitará o museu, de qual bairro é, ou se vem de outra cidade, procurando estabelecer relações com situações já vivenciadas (RAMOS, 2004). A escola também pode ser utilizada como objeto de estudo, inserida em questionamentos que podem ajudar os alunos a perceber as várias temporalidades que fazem parte de sua história.

Além de ser um objeto que pode estimular o tema da historicidade, o edifício pode ser compreendido como um documento que remete a outros períodos e relações sociais/políticas/institucionais. Ramos aponta que “nunca é possível ignorar

XII SEMINÁRIO DE ESTUDOS HISTÓRICOS

Profissão, Professor: Desafios no Ensino de História

www.feevale.br/seminarioestudoshistoricos

a própria “biografia do objeto”. Afinal, como ressalta Le Goff, os fragmentos do passado chegaram ao presente por meio de trajetórias que não podem ser desprezadas” (RAMOS, 2004, p. 115). E essas trajetórias podem se tornar objetos de estudo da História, auxiliando o historiador na pesquisa e escrita da história de uma comunidade, de uma cidade. Esse tipo de documento, pouco utilizado em sala de aula, pode ser uma grande chance de tornar uma aula de História menos centrada na palavra escrita, além de exercitar a habilidade de questionar a partir da observação. Em geral esse contato com objeto/edifício ou monumento fica restrito às visitas a museus ou excursões a locais históricos. Seria interessante observar outros tipos de construções, aquelas não consagradas, mas que fazem parte e possuem importância em uma sociedade. No caso do museu,

o contato com esses documentos materiais, a partir do suporte comunicativo das exposições, permite-nos inserir questões relativas à constituição de uma memória e da preservação de um passado (ALMEIDA; VASCONCELLOS, 2012, p. 107).

Portanto, é possível abordar as mais variadas problemáticas a partir da materialidade, como a questão da memória, das escolhas que estão por trás de um patrimônio, podendo tratar o objeto como documento, e levantar questionamentos a partir de sua observação.

Há diversas formas de sensibilizar os alunos para a historicidade das coisas que estão ao seu redor. O uso do edifício é um exemplo do que se pode fazer no caso de uma visita ao museu, extrapolando o que será visto na exposição e levando os jovens para além da observação do que está dentro do museu, permitindo abrir “espaço para a percepção mais ampla diante da exposição museológica”, alargando “o juízo crítico sobre o mundo que nos rodeia” (RAMOS, 2004, p. 24). Dessa forma

exercita-se a observação, descoberta, análise e transformação de conceitos espontâneos sobre o cotidiano e conceitos históricos apresentados na escola de forma a possibilitar o redimensionamento da relação de crianças e adolescentes com o mundo da “cultura material” do passado e do presente (ABUD, 2010, p. 138).

A relação entre a “cultural material” e patrimônio cultural poderá ser tratada conjuntamente e envolver outras dimensões que fazem parte do cotidiano dos alunos:

XII SEMINÁRIO DE ESTUDOS HISTÓRICOS

Profissão, Professor: Desafios no Ensino de História

www.feevale.br/seminarioestudoshistoricos

Um trabalho sistemático com o patrimônio permite a leitura crítica dos bens culturais e da dinâmica cultural dos diferentes grupos sociais (MACHADO; MONTEIRO, 2010, p. 30).

Essas foram as principais reflexões elaboradas ao longo da prática do estágio e da disciplina, na tentativa de fazer dialogar aspectos teóricos e práticos dentro da intervenção pensada para o Museu da UFRGS. Cada diferente exposição coloca novos desafios às práticas pedagógicas, especialmente no que diz respeito ao campo da História, fortemente ligado aos museus. O trabalho em instituições de memória permite tocar em temas que na sala de aula contêm um caráter mais abstrato, além de aproximar os alunos dos vestígios ou documentos materiais - objetos e monumentos. Cabe aos professores e estudantes - os futuros profissionais - pensar as possibilidades que uma visita a instituições de memória pode trazer para sua aula. É preciso conhecer e aproximar o trabalho dessas instituições, levando-os para a sala de aula. Com isso, será possível estabelecer relações entre presente e passado, sujeitos e objetos, demonstrando o quanto de passado estão permeadas as nossas vidas, auxiliando nossos jovens alunos a desenhar esse caminho e a se questionar sobre seu lugar em toda essa "história".

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das atividades realizadas nos dois estágios de docência com diferentes turmas de ensino fundamental e médio, e do diálogo com os alunos, foi possível concluir que a construção dos conceitos foi praticada em alguma medida pelos estudantes, no momento em que demonstraram, através de suas falas e produções escritas, que conseguiam identificar as principais características desses e confrontá-los com as realidades históricas ou atuais que estavam sendo trabalhadas, raciocinando, inclusive, de forma comparativa ao remeter a outros períodos histórico que já eram de seu conhecimento. A elaboração desses conceitos também ajudou na desconstrução da idéia de que o mundo social sempre existiu da forma como se apresenta agora, sem mudanças ou transformações (SCHMIDT, 1999).

Os conceitos históricos podem ter um menor ou maior grau de abstração, dificultando seu aprendizado pelo aluno. Ao planejar as aulas, selecionar os conceitos e criar atividades, o professor deve levar em conta a faixa etária e o

XII SEMINÁRIO DE ESTUDOS HISTÓRICOS

Profissão, Professor: Desafios no Ensino de História

www.feevale.br/seminarioestudoshistoricos

conhecimento prévio que os alunos apresentam. Para complementar este trabalho, seria interessante dispor de estudos mais aprofundados a respeito do desenvolvimento cognitivo dos jovens, com foco na aprendizagem do conhecimento histórico – e das ciências humanas e sociais como um todo – e de conceitos, tanto com enfoque educativo quanto psicológico (CARRETERO, 1997). Assim, o professor teria mais subsídios ao escolher determinados conceitos que às vezes podem ser muito abstratos para a etapa escolar em questão.

Diante do exposto, me parece imprescindível a construção de conceitos históricos dentro e fora da sala de aula, especialmente pela característica da sociedade em que vivemos que tem como foco a transmissão de informações através dos mais diversos canais e mídias:

Sabemos que a sociedade contemporânea, particularmente a partir da segunda metade deste século, produziu um aumento substancial de informações e de tecnologias usadas em sua gestão, podendo-se até afirmar que “estamos a nos afogar em informações, mas sedentos de conhecimentos”. Isso significa que, apesar do crescente aumento da informação e dos meios de difundi-la e gestioná-la, ocorre paralelamente um aumento da distância entre os que sabem articulá-las, pensá-las, refleti-las (SCHMIDT, 2004, p.63).

A informação não garante a construção de conhecimento. É preciso ter meios e ferramentas para pensá-la em confronto com a realidade, e os conceitos históricos podem ser instrumentos valiosos com os quais podemos pensar tanto a respeito das sociedades passadas quanto as atuais. Esse ensino é uma das mais importantes contribuições do conhecimento histórico e, se bem idealizado e construído na escola, pode contribuir de forma significativa para a formação social dos alunos.

REFERÊNCIAS

- ABUD, Katia Maria. Processos de construção do saber histórico escolar. **História & Ensino**. Londrina, v. 11, p. 25-34, jul. 2005.
- ABUD, Katia Maria. **Ensino de história**. São Paulo: Cengage Learning, 2010, p. 125-146.
- ALMEIDA, Adriana Mortara; VASCONCELLOS, Camilo de Melo. Por que visitar museus. In: BITTENCOURT, Circe. **O saber histórico em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2012.

AZEVEDO, Crislane Barbosa de. Educação patrimonial, ação educativa em museu e ensino-aprendizagem em História. **Akrópolis**, v. 18, n. 4, out./dez. 2010, p. 299-314.

BALDISSERA, José Alberto. Os conceitos, o ensino e a aprendizagem em História. IN: SEFFNER, Fernando e BALDISSERA, José Alberto (org.). **Qual História? Qual ensino? Qual cidadania?** Porto Alegre: ANPUH, Editora da Unisinos, 1997, PP. 82-94.

CARRETERO, Mario. **Construir e ensinar as Ciências Sociais e a História**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

DREGUER, Ricardo. A construção de conceitos e o cotidiano da sala de aula. **ANDE**. São Paulo, v.11, n. 18, p. 45-49, jan. 1995.

GRUNBERG, Evelina. **Manual de atividades práticas de educação patrimonial**. Brasília: IPHAN, 2007.

KARNAL, Leandro (org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. São Paulo: Contexto, 2004.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuições à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto Ed. PUC-Rio, 2006.

MACHADO, Maria Beatriz Pinheiro; MONTEIRO, Katani Maria Nascimento. Patrimônio, identidade e cidadania: reflexões sobre Educação Patrimonial. In: BARROSO, Vera (org.). **Ensino de História: desafios contemporâneos**. Anpuh/RS, 2010.

MENDONÇA, Nadir Domingues. **O uso dos conceitos: uma temática de interdisciplinaridade**. Petrópolis: Vozes, 1985.

MONTEIRO, Ana Maria. A história ensinada: algumas configurações do saber escolar. **História & Ensino**. Londrina, v. 9, p. 37-62, out. 2003.

PEREIRA, Júnia Sales; ORIÁ, Ricardo. Desafios teórico-metodológicos da relação educação e patrimônio. **Resgate**, vol. XX, n. 23, jan./jun. 2012, p. 161-171.

PINSKY, Jaime. **As primeiras civilizações**. São Paulo: Contexto, 2011.

PROST, Antoine. **Doze lições sobre a história**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto: o museu no ensino de história**. Chapecó: Argos, 2004.

**XII SEMINÁRIO DE
ESTUDOS HISTÓRICOS**

Profissão, Professor: Desafios no Ensino de História

www.feevale.br/seminarioestudoshistoricos

RODRIGUES, Renata Cardoso Belleboni. Reflexões no ensino de História Antiga. **Revista NUPEM**. Campo Mourão, v. 4, n. 7, ago./dez. 2012.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. Construindo conceitos no ensino de História: “a captura lógica” da realidade social. **História & Ensino**. Londrina, v. 5, p. 147-163, out. 1999.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. A formação do professor de História e o cotidiano da sala de aula. IN: BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora, CAINELLI, Marlene. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2004.

SILVA, Semíramis Corsi. Aspectos do ensino de História Antiga no Brasil: algumas observações. **Alétheia**, v. 1, p. 145-155, jan./jul. 2010.